

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carme, 12

MORALIDADE E MARMELEIRO



MUSEU DE RAFAEL
BORDALO PINHEIRO

ANTONIO ALVES MARTINS

(BISPO DE VIZEU)

O prelado venerando e pitoresco de quem o *Album das Glorias* estampa hoje a imagem, podia perfeitamente, quer por indole, quer por temperamento, quer por disposições musculares, ser pastor de gado: a educação, a politica e o sacro collegio fizeram d'elle um pastor d'almas:

Cazo este com que os rebanhos do senhor não ganharam muito e os rebanhos da Beira-Alta perderam alguma coiza.

O *Album das Glorias* não pretende, como se poderia inferir d'este exordio figurado, faltar ao respeito canonico devido a um baculo que nos arraiaes parlamentares pode, em cazo de necessidade, fazer as vezes de *marmeleiro*. Esboçando um perfil que tem de ficar entre as figuras contemporaneas como uma das expressões mais pitorescas do nosso meio e da nossa raça, com todas as suas ingenuidades, os seus impetos, os seus prejuizos e os seus devaneios, faz todas as diligencias para separar D. Antonio d'Antonio Alves, e se o não consegue cabalmente, é porque o reverendo estadista, como pastor, é sufficientemente mundano para ter em grande conta a *coroa*, ao passo que o abalizado bispo, como secretario d'estado, é sufficientemente ortodoxo para nunca abandonar o solideu.

Seria faltar á verdade negar ao venerando sacerdote que tantas vezes tem *officiado* na secretaria do reino, aquella doze de bom senso inato nos homens fortes que reprezentam um modo de ser, de sentir e de pensar da sociedade em que soltaram os primeiros vagidos, ora paramentados de sobrecazaca n'um *Te-Deum*, ora vestidos de sobrepeliz na tribuna. Nada menos canonico, nada menos cheio d'untuozidade romana, do que este principe da Igreja que diz ao continuo da repartição:—*O' seu coiço taverneie-me lá um copo d'agua;* com a mitra episcopal ao lado, em cima da secretária, a servir-lhe de piza-papeis. Nada menos seculo XIX, menos bourocratico, do que este prelado que ao mesmo tempo *confirma* os peccadores e os escrivães do civel!

Que admiração se elle, julgando ter ao lado uma pia d'agua benta, molhar o dedo sacerdotal no tinteiro e fizer uma cruz negra na testa dos directores geraes!...

Todavia esta sotaina dentro da qual o prelado briga com o politico, já teve o seu dia de popularidade no paiz. Foi quando principiou, desde o cabo de Santa Maria até ao cabo de policia, a correr a lenda de que o reverendo, bispo de Vizeu votara em Roma contra a infalibilidade do papa e nas camaras contra o real d'agua. O ideal catholico-liberal não exigia mais nada. Um bispo que defendia a liberdade das consciencias por um lado e a dos comestiveis por outro!... A opinião do paiz levantou-se uma bella manhã na rua das Congostas com o seu barretinho d'algodão branco carregado na testa, em attitude de bonet phrygio, e impoz á *coroa* constitucional a coroa salvadora. A coroa numero um, benzeu-se cheia de susto, e assignou o decreto de nomeação da coroa numero dois que, n'essa mesma tarde, seguida por varios acolytos do norte, correu a Lisboa de batina arregaçada e lenço de seda de ramagens na cabeça, á maneira *d'abat-jour* contra o sol da gloria, entre o ruido das ovações e o esfoguetear dos contribuintes jubilozos—a salvar os cofres.

Seguiu-se o periodo *reformista* que na historia contemporanea não deixa certamente uma pagina mais cheia do que a pagina encebada pelos outros partidos militantes.

E não deixando uma pagina mais cheia, intentou deixar a barriga dos amanuenses mais vazia. Estes levantaram-se e dilaceraram a golpes de raspadeira o programma chamado das *Economias*.

Possuido do desanimo que assalta os bravos que no meio da feira parlamentar se sentem tolhidos... de leis para brandirem um arrocho, o reverendo bispo abysmado do que apalpou e do que viu nas regiões do poder, voltou em breve ás suas montanhas e á sua dioceze como deve voltar um verdadeiro crente,—*com o crédo na bocca!*

Se bem que desde então desça a longos intervallos das serranias para a politica, a tribuna parlamentar deveu-lhe ainda no ultimo trimestre de legislatura, a frase mais synthetica e mais expressiva de que se póde ufanar a loquella d'um povo.

No meio d'uma discussão, desorientada na aridez cerebral da camara alta, no ponto culminante da contenda, o sr. bispo de Vizeu pediu a palavra e bradou:

—*Sr. presidente anda uma cousa no ar!*

Os rhetoricos militantes riram d'esta exclamação mas na verdade elles nunca tiveram outra que exprimisse d'uma fórma mais exacta e mais nitida o estado mental e moral da nossa sociedade, a obscuridade do seu ponto de vista, a incerteza dos seus destinos!...

Anda uma cousa no ar! Quer dizer: tapemos o nariz e esperemos. Ninguem sabe de que natureza é nem d'onde veio este cheiro; o que se percebe perfeitamente é que nas instituições existem miasmas que corrompem a atmosphera.

O reverendo bispo de Vizeu póde não ter grandes vistas politicas, mas ao menos mostra que tem ventas. Bem faz elle persistindo em não tomar o poder para continuar a tomar simonte.

João Rialto.

21, TYP. RUA AUGUSTA, 25